

## **Jornalismo rural: a percepção e apropriação por agricultores<sup>1</sup>**

Luiza ADORNA<sup>2</sup>

Hélio Afonso ETGES<sup>3</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul, RS

### **RESUMO**

Este artigo discute como o jornalismo rural de televisão pode influenciar as atividades do público do campo. A pesquisa qualitativa teve como objeto de estudo três reportagens televisivas do *Globo Rural* dominical, dos dias 21 de setembro e 16 de fevereiro de 2014 e 10 de março de 2013. O objetivo foi identificar as percepções de agricultores de Paraíso do Sul/RS ao assistirem as reportagens. Além disso, buscou verificar se existe apropriação das técnicas mostradas pelo programa por parte do grupo. A análise dessa pesquisa teve como recursos metodológicos a pesquisa bibliográfica, entrevista, questionários e grupo focal. Entre os entrevistados estavam Gabriel Romeiro e José Hamilton Ribeiro. Para sustentar a pesquisa, foi estudado recepção, jornalismo rural e jornalismo como forma de conhecimento. Na análise buscou-se identificar como o grupo interpreta e se apropria de matérias do programa *Globo Rural*. Com todas as técnicas, verificou-se que os agricultores apropriam-se dos conteúdos, os interpretam e opinam de acordo com o que presenciam no cotidiano e em suas vidas no campo. Além disso, constatou-se que os agricultores se sentem confortáveis ao aplicar as técnicas na prática agrícola em suas lavouras e propriedades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão; Jornalismo Rural; *Globo Rural*; Agricultores; Grupo focal.

### **1 INTRODUÇÃO**

Há especializações no jornalismo. Nessa pesquisa, o jornalismo rural foi pauta e alicerce. Entende-se, pelo menos com um olhar geral sobre o assunto, que o público-alvo de quem faz esse tipo de jornalismo é quem está no campo, produzindo o alimento para toda a sociedade. Proporcionar conhecimentos ao público é uma das funções do jornalismo. Essa ação pode acontecer por diversos meios de comunicação, inclusive pela televisão. As notícias são transmitidas através das telas de aparelhos instalados nas residências brasileiras e de todo

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Intercom Júnior 2015, na Divisão Temática IJ 1 – Jornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 9º semestre de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: adorna.luiza@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: helioetges@yahoo.com.br

o mundo. Por usar a imagem, esse meio torna-se atraente, principalmente aos olhares daqueles que não possuem tempo de ler um jornal. Assim como o rádio, a televisão oportuniza a chance de realizar outras tarefas enquanto se recebe seu conteúdo. Nos dias atuais, com toda a velocidade dos acontecimentos e a rapidez do cotidiano, esse meio de comunicação informa até mesmo quem não tinha o propósito de buscar conhecer a notícia.

O problema norteador da pesquisa é como agricultores percebem reportagens veiculadas no programa *Globo Rural* e como se apropriam das técnicas de produção agrícolas nele apresentadas. A vontade de descobrir isso e trabalhar com o tema jornalismo rural ocorre por motivações tanto pessoais quanto profissionais. Fala-se em interesses próprios devido a ligação com o campo desde cedo, aliado com o prazer em estudar o rural, algo tão íntimo, com o jornalismo, ainda mais próximo no momento. A produção de sentido através das reportagens, sua aplicação no cotidiano, a influência das produções em suas vidas, assim como a avaliação dos grupos em relação à linguagem, compreensão e utilização dos conteúdos para melhoria da produção ou aperfeiçoamento do conhecimento, foram questionamentos realizados antes e durante o processo de produção desse documento científico. O recorte da pesquisa foram as reportagens analisadas pelo grupo focal realizado com agricultores. As matérias escolhidas falam de conservação de solos, proteção de nascentes e uso do Equipamento Individual de Proteção (EPI), na hora de aplicar agrotóxicos nas plantações. Essas reportagens foram exibidas nos dias 10 de março de 2013 e 21 de setembro e 16 de fevereiro de 2014, em edições dominicais do *Globo Rural*.

## **2 RECEPÇÃO: A REFLEXÃO DIANTE DO JORNALISMO**

Os estudos da recepção acontecem quando se percebe que as informações noticiadas não só atingem o público, mas também influenciam seu modo de viver e agir. A recepção pode acontecer de maneiras distintas, frente aos diversos entendimentos e conhecimentos das pessoas. “Também interfere no processo de recepção a cultura e os costumes de cada um, as demais instituições da sociedade, o cotidiano e a sociedade de recepção.” (KOLLING, ca. 2004, p. 4). Quando um assunto se torna notícia e chega aos leitores, ouvintes ou telespectadores, há reflexões sobre ele.

Recepção pode ser entendida como a reflexão a partir do consumo. As pessoas recebem o conteúdo e a partir dele tiram conclusões, apropriam-se e começam a entender o

que lhes foi transmitido. “Ao estabelecer esse tipo de consumo, a recepção constrói significados sobre o produto, incorrendo, mais uma vez, em uma atividade interativa, de algum modo.” (CASTRO; SOUSA, 2013, p.11). Ao receber uma reportagem jornalística que fala sobre o cuidado com os animais para aumentar a produtividade da carne, por exemplo, agricultores podem refletir sobre o assunto e perceber que, além de proporcionar uma vida de qualidade para o animal, isso vai lhe gerar um aumento tanto para consumo próprio quanto para o comércio da carne. Os exemplos podem ser muitos, mas o fato é que independente da questão abordada, sempre há quem receba a mesma. E quem a recebe é o personagem principal dessa história no jornalismo. A recepção acontece a partir das diferentes mídias. No caso da presente pesquisa, a televisão é o meio de comunicação estudado. “Os meios de comunicação são vistos, no caso, não apenas como veículo, mas como expressão de uma instância pública que indaga, e também reconhece, os espaços de construção de valores, ainda que sejam valores grupais”. (SOUSA, 1995, p. 35). Assim como em outros meios, muito conteúdo na televisão é produzido e recebido por diferentes pessoas, que se reconhecem como seres pensantes.

### **3 JORNALISMO E TELEVISÃO**

O jornalismo serve à sociedade através dos meios em que ele se estabelece. Simultaneamente com o levar das notícias às pessoas, está a importância de gerar à sociedade aquilo que lhe é de direito. De acordo com Chaparro (1994, p.23), “o jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação”. Torna visível aquilo que, muitas vezes, continuaria invisível; coloca em discussão assuntos até então adormecidos; revela o que talvez nunca se tornaria de conhecimento público. O jornalismo oportuniza às pessoas a chance de conhecer o novo e, a partir disso, se expressar perante a sociedade. Através do trabalho do repórter todos os profissionais do jornalismo conseguem exercer suas atividades em relação àquela matéria, feita e coletada pelo repórter pelas ruas da cidade ou estradas do campo. “Não é tão comum assim um diretor de jornal, atrás de reportagem, pois, de certa forma, o repórter é o menos bagrinho da redação; é o soldado raso.” (RIBEIRO, 1994, p. 3).<sup>4</sup> Nem todos os jornalistas têm a pretensão de ser

---

<sup>4</sup>Essa referência origina-se de um documento inédito, enviado por correio pelo jornalista José Hamilton Ribeiro. O ano adotado foi 1994, pois em suas correções antes do envio, ele colocou 20 anos a mais, além dos 40 anos de profissão que tinha na época.

considerados repórteres de rua, devido aos diversos outros cargos possíveis para eles. Porém, é importante entender a relevância dessa atividade no dia a dia do jornalismo. Mas, essa atividade jornalística é mais ampla e acontece além das questões práticas e pode ser considerada uma forma de conhecimento por alguns teóricos.

O conhecimento é o saber que se estabelece na mente humana. Segundo Meditsch (1997), todo o conhecimento origina-se através de uma dúvida, questionamento ou pergunta. Ao entender o jornalista como mediador entre tantas perguntas e respostas percebe-se a produção de conhecimento através dessa profissão e verifica-se que as pessoas podem refletir e aprender através desse conteúdo. De acordo com ele, o jornalismo opera no campo lógico do senso comum e esta característica definidora é fundamental. O autor expõe que o conhecimento do jornalismo é menos rigoroso do que o de qualquer ciência. Tanto na ciência quanto no jornalismo, a questão do público é a mesma. Cada auditório percebe de uma forma, pois ninguém é capaz de conhecer tudo (MEDITSCH, 1997). Haverá interpretações diante de uma mesma questão. É isso que diferencia os seres humanos e os fazem ter diversas opções.

Com a função de informar e entreter, a televisão e o telejornalismo chegam até as pessoas. Jaspers (1998, p. 88) explica que a “televisão dirige-se ao mesmo tempo à vista e ao ouvido, dois sentidos particularmente finos”. Com os olhos desfruta-se as imagens, diferencial dessa mídia, e com os ouvidos escuta-se o que está sendo dito através daquelas sequências de fotografias. “A televisão, desde a sua implantação, sempre esteve nos centros das atenções do cidadão brasileiro, como companheira, informante e até cúmplice. A TV atinge 99,9% do território nacional.” (KNEIPP, 2008, p. 20). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup>, os aparelhos de televisão estão em mais de 95% dos domicílios do país, informando e muitas emocionando quem assiste. Ou seja, quase todas as pessoas assistem o conteúdo produzido no conforto de suas casas.

#### **4 O JORNALISMO RURAL NO CAMPO E NA CIDADE**

Não se tem mais aquela ideia de que a comunidade do campo não está inserida na era tecnológica. Há envolvimento e muito se deve pela influência da mídia e da comunicação introduzida no ambiente rural. O jornalismo passa a alcançar um público ainda maior e com necessidades diferentes. Por isso a especialização de programas e reportagens. Entre

---

<sup>5</sup>Dados do Censo de 2010, disponíveis no site <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html>>. Acesso em: 30 set. 2014.

diferentes tipos de jornalismo especializado estão: infantil, econômico, policial, cultural, científico, esportivo, investigativo, colaborativo e o rural. Essas divisões passaram a existir para que os profissionais tentassem cobrir todas as atividades humanas, inclusive a rural. Segundo Nascimento (2010, p.2), "hoje, há feiras e eventos que divulgam novos produtos e serviços, revistas, jornais e outros meios de comunicação especializados (sic) e profissionais cada vez mais envolvidos com o meio rural buscando levar aperfeiçoamento e soluções ao cidadão do campo". Assim é possível questionar-se de que forma esse público entende essas informações e se consegue aproveitá-las, utilizando as técnicas em suas lavouras.

Os anos passam e "o meio rural está se modificando rapidamente, tanto na perspectiva geográfico-espacial quanto de organização das atividades econômico-agrárias. Esse processo é acelerado pela globalização econômica, pela troca de valores culturais e por meio de novas tecnologias desenvolvidas para o campo" (COMASSETTO, 2011, p. 3). O homem do campo moderno não recebe orientações apenas através de feiras e outros profissionais, mas também consegue adquiri-las através da mídia.

Antes tinha-se "a ideia de que os lavradores conhecem apenas técnicas agrárias rudimentares, o que tem como resultado um atraso na agricultura" (QUEIROZ, 1978, p.22). Por isso é importante passar informações referentes a modernização de técnicas para a melhoria das produções e para o entendimento do público consumidor. Para a transformação desses hábitos e inserção de novas possibilidades há programas como o *Bom Dia Campo* e *Jornal da Pecuária*, do *Canal do Boi*, e o *Globo Rural*, da Rede Globo, que transmitem diariamente conteúdo especializado para o homem do campo e informa o público da cidade.

## **5 GLOBO RURAL**

No primeiro domingo de 1980 iniciava o programa *Globo Rural* da emissora Globo. Nasceu com o propósito de abrir espaço para um novo diálogo que envolve as atividades do meio rural. "A origem do programa teve um caráter comercial, pois havia uma pressão por parte dos anunciantes de pecuária, no sentido de que houvesse um espaço que não fosse muito caro, como era e continua sendo o *Jornal Nacional*." (ROMEIRO, 2014). Foi assim que surgiu essa ideia no Departamento Comercial da Globo que passou para o de Jornalismo, que fez o programa acontecer na grade de programação da emissora.

Com uma equipe de 30 profissionais do jornalismo dentro da redação do programa, é a chefia quem escolhe os responsáveis pelas reportagens. Além de terem seis repórteres que editam as suas próprias matérias e três cinegrafistas, o programa conta com auxiliares da Engenharia de estrutura da Rede Globo. De acordo com Maia (2006, p.13), “é possível posicionar o *Globo Rural* diário como um programa que se situa no delicado intervalo entre o telejornal e o programa jornalístico temático”. Mas, Romeiro (2014) diz que “o *Globo Rural* foi sempre concebido como programa jornalístico”. Nessa perspectiva, o programa tem o propósito de transmitir notícias para diferentes públicos, contudo, pensadas para quem conhece o assunto.

## **6 GRUPOS FOCAIS E OUTRAS TÉCNICAS**

O estudo deu-se a partir de um grupo focal com agricultores. A pesquisa foi realizada com produtores rurais de Paraíso do Sul<sup>6</sup> e estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foram consultados também. Devido ao número reduzido de matérias que foram analisadas através de dois grupos focais, a pesquisa tornou-se qualitativa. Para essa pesquisa, foram utilizadas técnicas como grupo focal, entrevista por telefone, pesquisa bibliográfica e documental. Há muitas coisas que não podem ser quantificadas. No caso de pesquisas qualitativas acontece o mesmo. Às vezes, tem-se conclusões vindas de outros meios, que se originam através da linguagem, das crenças e outros aspectos, sem serem os numéricos. Na abordagem de Oliveira (2005, p.41), a pesquisa qualitativa é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico”. Também houve a pesquisa bibliográfica, que é o resultado de leituras realizadas durante a formação acadêmica que, na hora da pesquisa, conseguem orientar a respeito de quem sabe falar sobre determinado assunto e os autores mais apropriados ao tema. “A medida que o indivíduo vai lendo sobre o assunto de seu interesse, começa a identificar conceitos que se relacionam até chegar a uma formulação objetiva e clara do problema que irá investigar.” (STUMPF, 2006, p.53). A autora salienta a importância em conhecer o que já existe para produzir um material científico.

---

<sup>6</sup>Paraíso do Sul é um município gaúcho, com menos de oito mil habitantes, sendo que maior parte deles moram na área rural. Sua distância de Santa Maria é de aproximadamente 70km e fica a 231 km de Porto Alegre, capital do estado.

Não há ciência se não há questionamentos e apontamentos atuais. Outra técnica utilizada nessa pesquisa foi a documental, definida por Moreira (2006, p.271) como “a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. Para a autora, a análise de documentos sempre foi utilizada nos estudos sobre a sociedade. Geralmente, são pesquisas qualitativas as que se utilizam da documental. No caso dessa pesquisa, a análise documental aparece a partir do momento em que há percepções diante das reportagens em vídeo do *Globo Rural*. As reportagens analisadas foram as seguintes:

**REPORTAGEM 1** - Falta de conservação do solo causa erosão e perda de lavouras no PR  
<http://globo.tv/globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/falta-de-conservacao-do-solo-causa-erosao-e-perda-de-lavouras-no-pr/3642071/>

Tempo de duração: 8’58’’

**REPORTAGEM 2** - Trabalho de proteção de nascentes ajuda a garantir água em MG  
<http://globo.tv/globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/trabalho-de-protecao-de-nascentes-ajuda-a-garantir-agua-em-mg/3150735/>

Tempo de duração: 9’29’’

**REPORTAGEM 3** - Curso em Goiás ensina a agricultores proteção contra intoxicações  
<http://globo.tv/globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/curso-em-goias-ensina-a-agricultores-protecao-contraintoxicacoes/2450311/>

Tempo de duração: 7’54’’

Os participantes do grupo focal realizado para a análise da pesquisa assistiram essas três reportagens a fim de discutir pontos específicos para que houvesse entendimento sobre a maneira que cada um deles percebem as mesmas e se eles conseguem se apropriar das técnicas mostradas. Uma entrevista em profundidade com um profissional responsável pela produção no programa *Globo Rural* foi uma tentativa a fim de complementar o estudo. Entrou-se em contato, por *e-mail*, com o jornalista José Hamilton Ribeiro, repórter do programa. As respostas vieram logo depois, com a disponibilidade em responder um questionário por meio *online* e a indicação do telefone do chefe de redação do *Globo Rural*, Gabriel Romeiro. Para Deslandes (2003), "a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais". Ao fazer uma pesquisa no campo científico tem-se a chance de produzir algo novo, pois ninguém fala sempre a mesma coisa. Além dos dois jornalistas já citados, os quatro repórteres produtores das três reportagens analisadas nos grupos focais foram contatados por *e-mail*.

Foi entrevistado o jornalista e chefe de redação do *Globo Rural*, Gabriel Romeiro, por telefone, durante 62 minutos no laboratório de rádio do curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), no dia 13 de agosto de 2014. José Hamilton Ribeiro entrou novamente em contato no dia 15 de setembro para pedir um endereço que ele pudesse enviar um texto. No dia 24 do mesmo mês, chegava uma correspondência com 14 folhas grampeadas e um bilhete escrito à mão avisando que o texto era inédito e parte de um livro que o jornalista ia escrever, mas acabou não fazendo. Intitulado *Repórter é como goleiro, tem que ter sorte*, Ribeiro fez correções no texto, sendo possível identificar que o documento era de 1994. O conteúdo tratava de jornalismo e do papel do profissional de comunicação.

A principal técnica utilizada foi a do grupo focal, existente há muito tempo. É um instrumento de coleta de dados para investigações. Porém, só deve ser feito se, realmente, vai ao encontro dos propósitos da pesquisa. O grupo focal é conduzido por um mediador, no caso o autor do trabalho. Deve-se cuidar para não realizar interferências e interrupções que gerem mudanças de pensamento. O mediador deve ser neutro e deixar com que os convidados explanem suas opiniões e ideias (GATTI, 2005). Além disso, deve ser bem orientado, a fim de permitir a reflexão por parte dos participantes (COSTA, 2006). Quando há compreensão sobre o que está sendo realizado, aumenta a abertura entre as pessoas para discutirem a respeito do objeto da pesquisa. Às 22h37min, do dia 26 de setembro de 2014, iniciava o grupo focal, com sete participantes, na localidade de Capão Grande, Paraíso do Sul. Foram dois gravadores e uma câmera de vídeo, em frente às cadeiras e placas. Da esquerda para a direita, pela visão da câmera de vídeo, os agricultores foram identificados.

**PA1** – homem, 30 anos, ensino médio completo 15 anos na agricultura, de Capão Grande – Paraíso do Sul – RS. Assiste o programa *Globo Rural* com frequência. Planta arroz, hortaliças e mandioca. **PA2** – homem, 32 anos, ensino médio completo, 20 anos na agricultura, de Capão Grande – Paraíso do Sul – RS. Sempre que possível assiste o programa. É plantador de soja e arroz. **PA3** – homem, 30 anos, ensino médio completo, 15 anos na agricultura, de Taboão, Paraíso do Sul – RS. Assiste o programa duas vezes por semana<sup>7</sup>. É produtor rural de arroz e soja. **PA4** – homem, 48 anos, ensino fundamental completo, 40 anos na agricultura, de Capão Grande, Paraíso do Sul – RS. Assiste o programa *Globo Rural* com

---

<sup>7</sup>Os participantes que disseram que olham mais de uma vez por semana o *Globo Rural*, referiam-se ao programa diário, que não é o objeto de estudo dessa pesquisa.



frequência. Planta arroz, milho, soja e tabaco. **PA5** – homem, 27 anos, ensino médio completo, 12 anos na agricultura, de Capão Grande, Paraíso do Sul – RS. Assiste o programa duas vezes por semana. Planta arroz irrigado. **PA6** – homem, 29 anos, ensino fundamental completo, 20 anos na agricultura, de Capão Grande, Paraíso do Sul – RS. Assiste três vezes por semana o programa *Globo Rural*. Planta tabaco e arroz. **PA7** – homem, 57 anos, ensino fundamental incompleto, 47 anos na agricultura, de Capão Grande – Paraíso do Sul – RS. Assiste o programa de vez em quando. É plantador de arroz.

Através dos depoimentos e discussões realizadas durante o grupo focal, foi possível coletar as informações para a análise desse trabalho.

## 7 ANÁLISE DA PESQUISA

Quando o grupo de agricultores foi questionado sobre o que havia chamado atenção entre as três matérias, logo pode-se perceber as motivações e interesses. Borges (2007) fala de memória a curto prazo e memória a longo prazo. “As pessoas organizam seu conhecimento sócio-cultural do mundo, e para entender um texto, ativam guias - modos abstratos de organização – e usam a informação.” (BORGES, 2007, p. 107). Cada um dos agricultores queria citar a questão que mais lhe chamava a atenção, levando em considerações aspectos pessoais. Os agricultores deixaram explícito que suas lembranças recentes, logo depois de assistirem as reportagens, diziam respeito a suas preferências, percebidas ao analisarem os três temas. Além disso, houve preocupações perante aos problemas abordados nas reportagens. Em discussão sobre as reportagens, **PA4** lembra que “a chuva está complicada demais. Porque ou é demais ou é pouco”. Os produtores mostraram-se adeptos a entender o contexto das reportagens colocando-as em diversas situações e realidades. Intensificaram a ideia de que o que é bom para alguns, pode ser prejudicial a outros.

A reação dos agricultores pode ser considerada de um interpretante imediato, pois os mesmos logo respondiam as questões e misturavam assuntos diante de diferentes opiniões. Sobre a reportagem *Equipamento de Proteção Individual*, **PA3** comenta que um curso seria bom para eles aprenderem a utilizar o EPI da maneira correta. “O cara coloca, mas coloca e tira sem saber se está certo ou errado”. Os demais produtores participantes apoiaram sua afirmação. Os agricultores sempre deixavam claro que consideram muito importante a presença da televisão como forma de conscientização, assim como afirmavam o pouco conhecimento diante de assuntos importantes como a questão do uso de equipamento de

segurança. Muitas vezes, uma pessoa pensa e opina sobre determinado assunto porque é esse discurso que a mesma escuta em suas relações sociais. Os agricultores dizem não saber muito sobre o EPI e ainda falam que um curso sobre o assunto seria relevante para a prática rural, quando os mesmos ficam expostos ao perigo da intoxicação. Embora os produtores não usem proteção contra os agrotóxicos mesmo com conhecimento de sua importância, eles pedem cursos que possam os qualificar e conscientizar a fazer ações como esta.

Cada agricultor cita a área que mais gosta como motivo para ter apreciado mais determinada reportagem ou fala sobre qual considera relevante. Assim, inicia-se uma batalha de acontecidos e diálogos entre os participantes, para deixarem claro quais áreas são suas favoritas. **PA4**, que já foi parar intoxicado três vezes no hospital, logo resolve dizer que a reportagem do uso de EPI foi a mais chamativa entre todas. Afinal, ele se viu na reportagem, sentiu na pele a situação demonstrada e isso o faz ter maior interesse pelo assunto, pois trata-se de sua saúde e da orientação para o uso correto que quase não tem durante sua vida. “Sabemos que o consumidor não somente crê, mas é com base nos modos de uso que esses aparatos são socialmente reconhecidos e comercialmente legitimados.” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 57). A partir das experiências de cada participante, ficava mais fácil para os mesmos buscarem reflexões diante do assunto.

**PA6** é menos taxativo e diz que as três temáticas foram importantes, mas percebeu maior relevância na matéria de conservação das nascentes. **PA2** concorda e cita o caso de São Paulo, pois acredita que a situação lá está complicada. O participante **PA3** lembra a questão da erosão e todos concordam que não é fácil, porque para **PA5** recuperar o prejuízo leva mais tempo. As diferenças dos terrenos entre Paraná e Rio Grande do Sul é citada por **PA4**, que diz que “é bem mais acidentado o terreno do que aqui e eles destamparam bem mais a área do que nós aqui no Sul”. Para **PA6**,

Chove menos pra lá. Chove bem menos que aqui. Lá em Goiás, onde eu estava, tinha períodos longos sem chuva. Tu não tens barragem pra manter a água e controlar o solo úmido. Tu não tens nada em cima da terra lá, é torrado mesmo. Minas é um pouco pra baixo ali, mas também não chove igual. Nós aqui, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Paraná temos uma linha boa de chuva que vence a umidade da água. É complicado o negócio deles. (GRUPO FOCAL, 2014, arquivo sonoro).

Complicado porque, para **PA4**, ou a chuva é excessiva ou existe a falta dela. Os assuntos quando abordados pelos agricultores misturavam-se e eles deixavam claro que

queriam falar sobre o que cada um preferia. Eles mudavam de assunto e comentavam diversas situações simultaneamente e ainda justificam-se diante das percepções negativas realizadas pelos mesmos. **PA3** volta a falar da erosão e do quanto é perigoso querer aumentar a produtividade da lavoura ao tomar medidas duvidosas. É perceptível a preferência das pessoas por meios mais fáceis, como imagem e áudio. Além de não necessitar a concentração como para a leitura de um jornal, a imagem envolve os telespectadores e exemplifica melhor. **PA6** percebe as imagens como uma forma de se motivar, pois no caso da reportagem sobre o EPI, as imagens e simulações fazem os agricultores repensarem sua maneira de agir e procurar orientação profissional para a proteção correta.

Na reportagem *Trabalho de proteção de nascentes ajuda a garantir água em MG*, o repórter faz uma brincadeira falando sobre a ajuda de entidades religiosas para que haja chuva. Para isso, utiliza-se de uma animação no início da reportagem que mostra São Pedro aparecendo entre as nuvens, com a frase “São Pedro coitado, foi mais uma vez acusado de negacear com as chuvas”. A preferência por reportagens divertidas foi unânime entre o grupo de sete agricultores participantes. “O consumo é o lugar da diferenciação social [...] É o lugar da distinção simbólica, por meio não só do que consumimos materialmente, mas, sobretudo, dos modos de consumir.” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p.61). Para **PA6** é válido e facilita o entendimento. “Tu abres mais a mente para entender determinada coisa”. O participante **PA4** confessa que sempre vai preferir assistir algo com humor. “Com certeza vou gravar melhor”. “O que quero exemplificar aqui é que aspectos como crenças e valores morais que todos possuímos servem de filtros mediadores para qualquer recepção.” (SETTON, 2010, p. 73). Aliás, todos os agricultores participantes falaram que o humor chama a atenção do telespectador e confessaram que é mais fácil eles pararem suas atividades para sentar em frente a televisão, se o conteúdo transmitido for engraçado.

Em relação ao entendimento de palavras e expressões, como a frase “orgânico esporado”, nenhum demonstrou dúvida sobre essa frase. Inclusive, **PA6** fala que tudo foi bem esclarecido e **PA4** não se lembra de nada que tivesse ficado incompreendido. “Temos a preocupação constante de evitar termos técnicos. Quando eles são necessários, damos as explicações necessárias para que todos entendam.” (DELA PRIA, 2014). O testemunho para o homem do campo não necessita de palavras de difícil compreensão, desde que o contexto que pretenda ser explanado e explorado seja feito da mesma forma. Ao serem questionados sobre a expectativa ao assistirem as chamadas das reportagens, **PA3** fala que, “para nós, sendo

agricultores, o que mais chama atenção é isso. Por exemplo, na matéria sobre o uso do EPI, eles citam o número de mortos. Martins (2014) diz ter escrito a chamada da matéria dessa forma, justamente para impactar os agricultores sobre os perigos que estão expostos. Outro dado que lhes instigou a curiosidade e prendeu-lhes a atenção foi a do agricultor que aplica venenos há 15 anos e até o momento não havia aplicado com proteção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise e da apropriação metodológica estabelecida, foi possível responder o problema dessa pesquisa. Os agricultores percebem as reportagens televisivas do *Globo Rural* como formas de divulgação de assunto agrícola e de pecuária, que têm o propósito de servir o público do campo. Eles entendem as reportagens levando em consideração questões pessoais, como foi o caso do agricultor que se interessou mais pela reportagem do uso do EPI, por já ter se intoxicado algumas vezes. Ao assistir o programa, enxergam a questão abordada como se estivesse em sua realidade, colocando-se no lugar dos entrevistados das matérias. Os agricultores, mesmo conhecendo diversas técnicas, gostam de aplicar na prática e se apropriar do que enxergam na mídia, tanto por curiosidade, quanto por estarem acostumados com o imprevisto diante de imprevistos, comuns na agricultura.

Além disso, se apropriam sem medos. Ao enxergarem os exemplos, os agricultores sentem-se tranquilos ao testar em suas propriedades. Afinal, se der certo eles estarão ganhando e se tudo der errado eles sabem como resolver, devido aos anos de profissão. Sobre o entendimento, embora algumas expressões tenham sido pouco claras, mostraram-se conscientes dos conceitos utilizados. Mesmo assim, algumas vezes durante a realização do grupo focal, os participantes perceberam que se tivesse sido uma palavra diferente, a compreensão ficaria mais fácil e acessível até para quem não conhece o universo rural.

Os agricultores participantes demonstraram que conhecem e procuram as notícias como forma de atualização e aprendizado conforme constatado. Eles não assistem mais vezes o programa por falta de tempo. Dessa maneira, pode-se verificar a forma como as reportagens se adequam à realidade dos agricultores. Embora eles tenham vontade de assistir reportagens que tragam exemplos para cada região, eles conseguem visualizar a técnica ensinada em sua localidade. Assim, não seria o programa o responsável por se adaptar em todas as culturas rurais e sim os próprios produtores rurais, capazes de transladar o que viram para suas

realidades. Verificou-se que os agricultores sentem-se tranquilos ao acreditar na mídia, assim como valorizam o seu papel social. Eles mostraram que não só aplicam as técnicas que assistem em programa como o *Globo Rural*, mas também entendem que sem essa programação, talvez nunca teriam conhecimento sobre determinado assunto.

Foi aprendido com esta monografia o poder da televisão na vida de grupos produtores rurais. Já entendia-se que as reportagens ajudassem na melhor compreensão de uma técnica agrícola, mas não se sabia sobre a tranquilidade dos agricultores em colocar em prática o mostrado nas matérias televisivas. Assim, estudantes e profissionais do jornalismo podem perceber que o seu papel como disseminador de informações dentro da sociedade é grande e as responsabilidades em fazer um trabalho correto aumenta.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nelson. *Trabalho de proteção de nascentes ajuda a garantir água em MG*. 9min29s. 2014. Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/trabalho-de-protecao-de-nascentes-ajuda-a-garantir-agua-em-mg/3150735/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. *Questionário sobre a reportagem trabalho de proteção de nascentes ajuda a garantir água em MG*. Entrevistadora: L. Adorna, 2014. 1 arquivo de texto. (8.316 caracteres). Entrevista concedida por e-mail à pesquisa *A percepção e a apropriação de reportagens televisivas do programa Globo Rural por estudantes de agronomia e agricultores*.

BORGES, João José de Santana. *O receptor em questão: notas sobre as contribuições da análise de discurso para a teoria da comunicação*. In: MATTOS, Sérgio. *Comunicação Plural*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 95-112.

CASTRO, D.; SOUSA, J. *Os caminhos da recepção: uma análise da produção científica brasileira*. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM JORNALISMO. 2013. Brasília. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/485/499>>. Acesso em: 28 set. 2014.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, c1993.

CENSO demográfico 2010: Banco de dados agregados do IBGE. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 30 set. 2014.

COMASSETTO, Leandro Ramires. *A comunicação como fator para a sucessão e transformação na agricultura familiar*. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS

DA COMUNICAÇÃO, 2011, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2324-1.pdf>>. Acesso em: 11. set. 2014.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 180-192.

DELAPRIA, Ana. *Falta de conservação do solo causa erosão e perda de lavouras no PR* 8min58s. 2014. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/falta-de-conservacao-do-solo-causa-erosao-e-perda-de-lavouras-no-pr/3642071/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. *Questionário sobre a reportagem Falta de conservação do solo causa erosão e perda de lavouras no PR*. Entrevistadora: L. Adorna, 2014. 1 arquivo de texto. (6.894 caracteres). Entrevista concedida por e-mail à pesquisa *A percepção e a apropriação de reportagens televisivas do programa Globo Rural por estudantes de agronomia e agricultores*.

DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GATTI, Bernardete A. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.

JESPERS, Jean-Jacques. *Jornalismo televisivo: princípios e métodos*. Coimbra: Minerva, 1998.

KNEIPP, Valquíria Passos. *Trajetória da formação do telejornalista brasileiro – as implicações do modelo americano*. 2008. 245f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área da Concentração II Estudo dos Meios e da Produção Midiática, Linha de Pesquisa Comunicação Impressa e Audiovisual – Escola de Comunicações e Artes), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KOLLING, Patrícia. *Os sentidos produzidos por agricultores familiares na recepção das informações jornalísticas ambientais*. Artigo (Dissertação Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, ca. 2004).

MAIA, Jussara, *Globo Rural – edições diárias: programa temático ou telejornal?* 2006. 15f. Artigo (NP Comunicação Audiovisual, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom) – Universidade Federal da Bahia-PósCom, Bahia, 2006.

MARTÍN-BARBERO. Jesús. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.39-68.

MARTINS, Helen. *Curso em Goiás ensina a agricultores proteção contra intoxicações*. 7min57s. 2013. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/curso-em-goias-ensina-a-agricultores-protexao-contra-intoxicacoes/2450311/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. *Questionário sobre a reportagem Curso em Goiás ensina a agricultores proteção contra intoxicações*. Entrevistadora: L. Adorna, 2014. 1 arquivo de texto. (6.893 caracteres). Entrevista concedida por e-mail à pesquisa *A percepção e a apropriação de reportagens televisivas do programa Globo Rural por estudantes de agronomia e agricultores*.

MEDITSCH, Eduardo. *Jornalismo como forma de conhecimento*. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

NASCIMENTO, Fátima Costa do. Sustentabilidade nas entrelinhas do agronegócio: A entrevista nas revistas Dinheiro Rural e Globo Rural. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero*, São Paulo, n. 2, p.3-5, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.univercencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7492/6911>>. Acesso em: 10 set. 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Recife: Bagaço, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana: ensaios* / Maria Isaura Pereira de Queiroz. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

RIBEIRO, José Hamilton. *Repórter é como goleiro, tem que ter sorte*. Texto inédito. 1994. 14 p.

ROMEIRO, Gabriel. *Globo Rural e o jornalismo do campo*. Entrevistadora: L Adorna. Santa Cruz do Sul, 2014. 1 arquivo de áudio digital (62min). Entrevista concedida à pesquisa *A percepção e a apropriação por estudantes de agronomia e agricultores sobre as reportagens televisivas do Globo Rural*.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. 39-68.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: 2006. p. 51-61.